



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Michelle Vieira Hofstetter

Gênero e análise do comportamento:
uma revisão de estudos publicados em periódicos

MESTRADO EM PSICOLOGIA EXPERIMENTAL:
ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

São Paulo

2020



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Michelle Vieira Hofstetter

Gênero e análise do comportamento:
uma revisão de estudos publicados em periódicos

MESTRADO EM PSICOLOGIA EXPERIMENTAL:
ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento, sob orientação da Prof.^a Dra. Mônica Helena Tieppo Alves Gianfaldoni.

São Paulo

2020

Banca Examinadora:

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos ou científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação por fotocópias ou processos eletrônicos.

São Paulo, ____ de ____ de 2020.

Assinatura: _____

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Processo n.º 88887.148120/2017-00.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001.

Process n. 88887.148120/2017-00.

Agradecimentos

Agradeço à minha orientadora por todas as instruções dadas ao longo desses anos para a conclusão deste trabalho. Obrigada, Vivian, Pedro Henrique, João, meus amigos que tanto me ajudaram neste processo.

Obrigada aos meus amigos, que tantas vezes ouviram a palavra “mestrado” sair de mim nos últimos anos e foram compreensivos quando não pude comparecer a algumas ocasiões.

Ao meu namorado, Allan, tão paciente e parceiro, que tantas vezes me deu forças para trabalhar na dissertação na correria do dia a dia: muito obrigada!

Sou extremamente grata aos meus pais por todo o incentivo à educação que sempre me deram. Todos os ambientes acadêmicos que tive a oportunidade de frequentar e pessoas que pude conhecer são responsáveis, em grande parte, por quem eu sou hoje. Pai, você nunca hesitou em me dar suporte à aprendizagem e te agradeço por isso. Mãe, obrigada por ter disposto tanto do seu tempo para me levar a escolas e cursos desde que me conheço por gente.

Agradeço imensamente a minhas irmãs por serem tão doces e interessadas na minha área de estudo e atuação e por sempre se mostrarem muito felizes em me ouvirem dar explicações sobre as coisas: vocês me reforçam!

Tina, minha querida avó que não está mais aqui: desde que eu era pequena, você me contava o quanto gostaria de ter tido a oportunidade de estudar e como deveríamos aproveitar essa chance. Além disso, você queria muito me ver mestre, ou “professorinha”, como você chamava. Você é a minha inspiração, e eu dedico este trabalho e tema a você: mulher tão forte que você sempre foi.

Hofstetter, M. V. (2020). *Gênero e análise do comportamento: uma revisão de estudos publicados em periódicos* (Dissertação de mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil.

Orientadora: Prof.^a Dra. Mônica Helena Tieppo Alves Gianfaldoni.

Linha de Pesquisa: História e Fundamentos Epistemológicos, Metodológicos e Conceituais da Análise do comportamento.

Resumo

Estudos acerca dos temas gênero, papéis de gênero e suas implicações ainda são escassos na análise do comportamento, apesar de ter havido um crescimento acentuado na última década. Questões de gênero vão desde negar reforçadores a mulheres até limitar cargos profissionais às mesmas. Com o intuito de investigar o que a análise do comportamento tem pesquisado em relação ao tema gênero, suas consequências e propostas de intervenção, foi realizada uma busca por meio de palavras-chave em quatro diferentes periódicos. Foram selecionados 26 artigos e lidos na íntegra, o que resultou na classificação de dados relevantes de cada artigo para a presente pesquisa, como: objetivo, assunto abordado, definição de gênero, implicações de papéis de gênero e como analistas do comportamento podem intervir para a equidade entre os gêneros. Os resultados demonstram que a maioria dos artigos se relaciona aos temas: (a) mulheres; e (b) disparidades entre homens e mulheres na análise do comportamento. A maior parte dos artigos é reflexiva, e os artigos experimentais destinam-se a identificar a validade de instrumentos para medir estereótipos de gênero.

Palavras-chave: gênero, papéis de gênero, análise do comportamento

Hofstetter, M. V. (2020). *Behavior analysis and gender: a review of published studies in periodicals* (Master's thesis). Pontifical Catholic University of São Paulo, São Paulo, Brazil.

Thesis Advisor: Prof. Mônica Helena Tieppo Alves Gianfaldoni, PhD.

Line of Research: History and Epistemological, Methodological and Conceptual Foundations of Behavior Analysis.

Abstract

Studies about gender, gender roles and their implications are still scarce in behavior analysis, although there has been a marked growth in the last decade. Gender issues range from denying reinforcers to women to limiting professional positions to women. In order to investigate what has been researched about gender in behavior analysis, its consequences and intervention proposals, a search was carried out using keywords in four different journals. Twenty-six articles were selected and read in full, which resulted in the classification of relevant data from each article for this study, such as: objective, addressed subject, definition of gender, implications of gender roles, and how behavior analysts can intervene for the equity between genders. The results show that most articles are related to the topics of: (a) women; and (b) disparities between men and women in behavior analysis. Most articles are reflective, and the experimental ones were designed to identify the validity of instruments for measuring gender stereotypes.

Keywords: gender, gender roles, behavior analysis

Lista de Figuras

Figura 1 – Frequência acumulada de artigos publicados ao longo dos anos de 1974 a 2019.	23
Figura 2 – Número de artigos publicados por filiação dos autores.....	25
Figura 3 – Distribuição percentual das pesquisas em relação à medida de comportamento.....	42
Figura 4 – Distribuição percentual das pesquisas segundo o tipo de delineamento de pesquisa.	42

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Categorias de Análise dos Estudos Pesquisados	17
Tabela 2 – Categorias Utilizadas para Análise dos Artigos Classificados como Investigação Experimental	18
Tabela 3 – Artigos Seleccionados, com Referências Completas	20
Tabela 4 – Número de Artigos por Plataforma e Total de Artigos	22
Tabela 5 – Número de Artigos Publicados por Autores que Publicaram Mais de Uma Vez.....	24
Tabela 6 – Palavras-Chave Presentes Mais de Uma Vez em 18 Artigos.....	26
Tabela 7 – Categorização de Palavras-Chave Presentes em 18 Artigos	29
Tabela 8 – Classificação dos 26 artigos em assuntos Abordados, Seus Respectiveos Números e Porcentagem	32
Tabela 9 – Definições de Gênero Dadas em Cinco dos 26 Artigos	33
Tabela 10 – Exemplos de Estereótipos de Gênero em 11 dos 26 artigos analisados...	34
Tabela 11 – Exemplos de Consequências de Papéis de Gênero Dados por 14 dos 26 Artigos, Quantidade de Artigos que as Descrevem e suas Respectiveas Identificações	37
Tabela 12 – Número, Sexo e Faixa Etária dos Participantes em Cada Uma das 11 Investigações Experimentais	40
Tabela 13 – Variáveis Dependentes nas Investigações Experimentais.....	43
Tabela 14 – Objetivos e Resultados das 11 Investigações Experimentais.....	44

Sumário

Introdução	1
Gênero e Outras Terminologias	1
Papéis de Gênero e Aprendizagem.....	3
Efeitos de Papéis de Gênero	4
Gênero e Análise do Comportamento	8
Objetivo.....	11
Método	12
Bases de Dados.....	12
Procedimento.....	13
Descritores e palavras-chave.....	13
Critério para inclusão de artigos.....	14
Classificação de dados.	16
Investigação experimental e reflexiva.....	17
Investigação experimental.....	18
Fidedignidade.....	18
Resultados e Discussão	20
Investigação Experimental e Investigação Reflexiva.....	20
Dados Básicos dos Estudos e Frequência Acumulada	21
Autores	24
Artigos por Filiação.....	24
Palavras-Chave.....	25
Temas	30
Definição de Gênero.....	32
Estereótipos de Gênero.....	34
Consequências de Papéis de Gênero	36
Soluções propostas a analistas do comportamento e sociedade como um todo para questões ligadas ao gênero.	38
Resultados das Investigações Experimentais	40
Medida do comportamento.....	41
Delineamento.	42
Variáveis dependentes.....	43
Objetivos dos estudos e resultados.....	43
Considerações Finais.....	47
Referências.....	49

Em um momento em que, no mundo todo e também em um Brasil politicamente polarizado, assuntos como desigualdade de gênero e feminismo tomam frente entre diferentes públicos, faixas etárias, meios de comunicação e discussões sociopolíticas, entender o que a análise do comportamento tem estudado e como tem explicado assuntos relacionados à questão de gênero torna-se socialmente relevante, uma vez que essa compreensão pode contribuir para o comportamento dos profissionais no seu dia a dia com colegas de profissão e pessoas de seu convívio pessoal, bem como na sua atuação na academia, no consultório, nas escolas, em hospitais e quaisquer outras esferas. Há, no entanto, “uma escassez de pesquisas na literatura a respeito de mudança de comportamento em nível cultural para o sexismo” (Baires, 2019, p. 3), sexismo este que se entende por *discriminação com base no gênero*.

Gênero e Outras Terminologias

Em 2011, a American Psychological Association (APA) distinguiu os termos *sexo* e *gênero*: o primeiro, relativo a condições físicas no momento do nascimento (i.e., anatomia, cromossomos e hormônios); e o segundo, ao que foi estabelecido dentro de uma cultura, como comportamentos e o que se considera apropriado a meninos, meninas, homens e mulheres (APA, 2011).

Para Ruiz (2003), o gênero se constrói socialmente, e sua manutenção se dá por contingências sociais. Segundo a autora, analistas do comportamento podem entender gênero como “uma classe de práticas culturais que passaram a ser associadas ao sexo” (p. 12). Nesse sentido, o dualismo mulher – homem, oriundo de diferenças biológicas, resultaria em práticas culturais atribuídas ao homem e à mulher (gênero), constituindo outro dualismo: feminino – masculino. Da mesma forma, Wood & Eagly (2012) consideram que o termo *gênero* se refere a características às quais se atribuem as categorias sociais masculinas e femininas dentro de uma cultura. Por sua vez, Judith

Butler (1988) consolida a concepção de que, diferentemente do que se aprende no senso comum, o gênero *não é* consequência do sexo.

Wood e Eagly (2012) definem, ainda, *papéis de gênero* como “crenças compartilhadas sobre os traços de mulheres e homens” (p. 56), e há autores que diferenciam *identidade de gênero* e *expressão de gênero*, sendo a primeira a experiência *encoberta* de a qual gênero o indivíduo se sente pertencente, e a segunda, a forma como o indivíduo transmite seu gênero *para os outros* ao seu redor, como, por exemplo, comportamentos, vestimentas, acessórios e voz (APA, 2011; Leland & Stockwell, 2019).

A partir dessas concepções, denomina-se *cisgênero* o indivíduo cuja identidade de gênero teria “coerência” com o seu sexo biológico, segundo expectativas sociais. Para indivíduos cuja identidade de gênero seria “diferente” do sexo biológico, de acordo com essas mesmas expectativas, o termo *transgênero* é utilizado. *Gênero binário* ou *identidade de gênero binária* seria, portanto, a concepção de que a classificação do gênero é dicotômica, ou seja, feminino(a) – masculino(a). No entanto, pessoas de *gênero não binário* não se enquadrariam nessa dicotomia, entendendo a identidade de gênero como um espectro, sem que haja uma classificação clara de sua identidade entre feminina e masculina. Para as pessoas que não se limitam às categorias binárias, os termos *genderqueer* e *gênero não conformista* são também utilizados (Leland & Stockwell, 2019).

As discriminações com base no gênero podem se estender a qualquer que seja o gênero de um indivíduo, incluindo sua patologização. Apenas em 2018, por exemplo, quando lançou a 11.^a versão da *Classificação Internacional de Doenças* (CID-11), a Organização Mundial da Saúde (OMS) retirou a incongruência de gênero (i. e., a condição própria dos transgêneros) dos transtornos mentais, pois, além de ter identificado

evidências que apontam a mesma não se trata de transtorno mental, há implicações relevantes da patologização para pessoas transgêneras.¹

Papéis de Gênero e Aprendizagem

Teorias da psicologia social apontam que a causa principal das “diferenças psicológicas entre os sexos” é como se dá a estrutura social e que “as diferenças físicas entre os sexos servem como uma influência na atribuição de papéis” (Eagly & Wood, 1999, p. 409). Skinner (1981), por sua vez, incluiu as práticas culturais como terceiro nível em seu modelo de seleção por consequências. Para além da seleção que vem da própria espécie (primeiro nível, filogenético) e do condicionamento operante (segundo nível), os comportamentos no nível cultural são selecionados de acordo com o que se torna importante para a sobrevivência de uma cultura e são transmitidos de geração em geração. As práticas culturais podem ser definidas como “padrões semelhantes de conteúdo comportamental, geralmente resultantes de similaridades em ambientes” (Glenn, 2004, p. 140) e, com os outros dois níveis, ajudam a explicar os diferentes comportamentos aprendidos e emitidos na história de vida (ontogenética) de um dado indivíduo.

Dessa maneira, tanto a psicologia social quanto a análise do comportamento, concepção proposta por Skinner (1953/2003), apontam que apenas a biologia é insuficiente para explicar os diferentes comportamentos humanos. Na verdade, muitas vezes, as práticas culturais importantes para manter um grupo acabam por se sobrepor a quaisquer justificativas que possam ser atribuídas ao “inato”, ao “natural”. Em meados

¹ Conforme <https://icd.who.int/browse11/l-m/en#/http%3a%2f%2fid.who.int%2fcd%2fentity%2f411470068> e Cochran et al., 2014.

da Segunda Guerra Mundial, por exemplo, funções sociais antes tradicionalmente masculinas foram exercidas por mulheres, já que grande parte dos homens foi para o exército. Operar máquinas, até então tarefa realizada apenas por homens por se relacionar à característica “inata” de envolver força, por conta de seu físico, passou a ser realizada por mulheres (Daly, 1996, p. 212).

As contingências de reforçamento de uma comunidade verbal também ditam quais as funções esperadas a serem exercidas por cada gênero. Ao serem *reforçados* e *punidos* por determinados comportamentos de acordo com o gênero, homens e mulheres aprendem as *regras* que devem seguir na cultura à qual pertencem, por meio de “contingências de reforço, pela esquiva de situações punitivas e pelo comportamento governado por regras” (Daly, 1996, p. 208). Assim sendo, muitos comportamentos definidos pela cultura como apropriados a cada gênero são ensinados por meio de regras, quando, por exemplo, pais dizem ao menino que ele deve escolher o carro em vez da boneca em uma loja de brinquedos. Em outras situações, não necessariamente se descreve como a criança deve se comportar, mas há elogio quando o filho escolhe o item culturalmente apropriado, como optar por objetos de cor azul, se for um menino, em vez de objetos cor-de-rosa.

Efeitos de Papéis de Gênero

Dois dos papéis atribuídos tradicionalmente a mulheres são o de tarefas domésticas, como lavar louças, e o de cuidado de crianças. Aos homens, por sua vez, podem ser exemplificados papéis direcionados a funções de reparos de objetos, mas também ao mercado de trabalho, principalmente a cargos administrativos. Não à toa, os salários ainda se mantêm desiguais entre os gêneros em muitos países, bem como a escolaridade (Ruiz, 2003). Proposto pela Organização das Nações Unidas (ONU) desde 1995, o *Gender Inequality Index* (GII), ou Índice de Desigualdade de Gênero, mede a

desigualdade entre homens e mulheres em relação a algumas áreas, entre elas, atuação no mercado de trabalho e participação política. Quanto maior o valor do GII, mais disparidades entre mulheres e homens e maior perda do desenvolvimento humano (United Nations Development Programme [UNDP], 2019). Em 2018, o país que apresentou o maior GII foi o Iêmen (0,821), enquanto a Suíça (0,037) apresentou a menor disparidade. O Brasil, na primeira medição, registrou GII de 0,519 e, em 2018, atingiu 0,386. Em 1995, por exemplo, mulheres ocupavam 6,7% dos cargos políticos, porcentagem que mais do que dobrou para 15%. A disparidade, portanto, reduziu-se – mas ainda se mantém significativa no País (UNDP, 2019).

As diferentes contingências de reforço a depender do gênero trazem implicações em vários âmbitos. Para as mulheres, em especial, a discriminação pode estender-se para os mais diversos setores possíveis, como mercado de trabalho, saúde e a já referida atuação em cargos políticos.

Sendo a divisão de funções no mercado de trabalho uma das consequências dos papéis de gênero, Wood & Eagly (2012) lhe atribuíram dois principais fatores: (a) os contextos naturais (ecológicos), culturais e socioeconômicos; (b) diferentes atributos físicos de homens e mulheres. Em referência ao primeiro fator, as autoras comentam que havia comunidades antigas nas quais os trabalhos relacionados à caça e plantação eram exercidos tanto por homens quanto por mulheres quando a região onde caçavam era próxima dos acampamentos onde moravam, o que fazia com que bebês e crianças pequenas pudessem ser carregados enquanto se praticava a caça. A maior força física dos homens e a possibilidade de amamentação das mulheres (segundo fator) podiam influenciar a divisão dos trabalhos naquele contexto; no entanto, o *patriarcado*, entendido como “maior poder social e *status* masculino do que feminino” (p. 63), passa a ocorrer apenas em culturas em que o sedentarismo começa a ser praticado, com maior

número de pessoas por área e transmissão de bens adquiridos entre as gerações. Diante de tais aspectos, novos papéis foram valorizados economicamente, como o de guerreiro e o de comerciante – nos quais força e velocidade tinham relevância –, em detrimento daqueles engajados em atividades reprodutivas, exercidos por mulheres. Dessa forma, as atividades reprodutivas das mulheres e a força dos homens, bem como condições ambientais (ecológicas) e econômicas, passaram a estabelecer uma divisão do mercado de trabalho, que por sua vez, impactou as crenças daquelas culturas sobre papéis de gênero, que começaram a ser vistos como “naturais” (Wood & Eagly, 2012).

Esses papéis de gênero, ainda hoje, podem impactar os comportamentos culturalmente esperados e ensinados a indivíduos desde a infância e, portanto, as diferenças de contingências a que são expostas as crianças a depender de seus sexos. Irvine (1986), por exemplo, realizou um estudo com crianças que avaliou a interação com professores a depender de seu sexo, raça e nível de escolaridade. Os resultados demonstraram que os professores interagem significativamente menos com meninas do que meninos, tanto em assuntos de cunho acadêmico quanto não acadêmicos, além de que os *feedbacks* positivos (i. e., “OK!”, “Certo!”, “Correto!”, “Bom!”, “Ótimo!”, “Estou tão orgulhoso de você!”) são mais frequentes para meninos do que para meninas, especialmente se estas últimas forem negras (Irvine, 1986). Dessa maneira, pode-se concluir que o sexo da criança é um estímulo discriminativo (SD) para a maneira como o professor se comporta.

Sadker (1999), por sua vez, aponta a falta de habilidade dos professores em descrever as contingências de viés de gênero. Ao serem expostos a vídeos nos quais situações sutis de viés de gênero ocorreram, os professores não o perceberam, o que pode reduzir oportunidades para que meninas participem em sala de aula. Sadker (1999) denominou o fenômeno *gender blindness* (cegueira de gênero).

Em consonância com esses achados, outros estudos também demonstram que o fato de crianças receberem elogios por diferentes comportamentos a depender de seus gêneros implica comportamentos, desempenho acadêmico e habilidades no geral diferentes, além de formas distintas pelas quais tatearão certas contingências (Eagly & Wood, 1999; Ruiz, 2003). Nesse sentido, Riger (1991) aponta que a maneira pela qual se define assédio sexual é socialmente construída, o que, por sua vez, pode impactar a quais características um observador se atentará e como a descrição da situação de assédio poderá mudar, a depender do gênero.

Ademais, diferentemente de quando se analisa um comportamento sob controle tão somente do ambiente físico, cujos componentes da contingência podem ser óbvios e claros para um observador, as contingências tornam-se mais sutis quando se trata de efeitos de consequências sociais. Ruiz (2003) cita o exemplo de uma entrevista de emprego, na qual um homem e uma mulher respondem da mesma maneira, mas, enquanto o primeiro é considerado assertivo, a mulher é considerada agressiva, de forma que um observador não conseguiria descrever os motivos pelos quais a mulher, por exemplo, não foi contratada. Segundo Ruiz (2003), essa situação demonstra de que forma as expectativas sociais de como um indivíduo deve comportar-se a depender do gênero afetam o acesso a oportunidades, criando desigualdades. Uma das possíveis consequências desse fenômeno é o *glass ceiling* (teto de vidro), expressão que se refere a uma “barreira invisível”, que impede que mulheres ascendam a posições de destaque no mercado de trabalho, incluindo aquelas dentro da análise do comportamento (McSweeney, Donahoe, & Swindell, 2000).

Já referido anteriormente, o sexismo é um termo comumente utilizado em estudos que abordam o tema do gênero e também pode ser considerado uma das implicações dos papéis de gênero. Sob a óptica da análise do comportamento, Daly (1996) define sexismo

como “uma classe de respostas emitidas por homens e mulheres que produz consequências que vão desde negar às mulheres o acesso aos reforçadores e restringir suas oportunidades de adquirir e emitir determinados repertórios, ao risco colocado em sua saúde e vida” (p. 202). Entre os exemplos de comportamentos sexistas citados pela autora, está a aquisição de livros que atribuem às meninas papéis “não interessantes” (p. 202). Além disso, ao se encorajar as mulheres, desde crianças, a exercer profissões específicas, com menor ganho salarial, por exemplo, a oportunidade de acesso a reforçadores generalizados pode dar-se de forma desigual à que se dá aos homens e, dessa forma, o patriarcado se mantém, com os homens detendo o poder em instituições econômicas e políticas (Glick & Fiske, 1996).

Concluimos que as práticas culturais de gênero são “formas de controle social relacionadas às relações de poder e dominância que afetam diretamente o nível de acesso que um indivíduo ou grupo de indivíduos pode ter a fontes de reforço ou alocação de recursos” (Ruiz, 2003, p.15) – e, por conta de uma cultura sexista, surgem movimentos que buscam transformá-la, como é o caso do feminismo, “um movimento para acabar com o sexismo, exploração sexista e opressão” (Hooks, 2015, p. 13).

Gênero e Análise do Comportamento

Como referido anteriormente (p. 3 desta dissertação), Skinner (1981) incluiu as práticas culturais como terceiro nível de seleção de comportamentos, transmitidas de geração em geração. Nesse sentido, o comportamento verbal adquire particular relevância, já que, na medida em que transmite regras estabelecidas pela cultura, o ser humano exerce controle sobre outro (Skinner, 1957). Além disso, elementos de uma cultura, como a religião e a linguagem, contêm comportamentos simbólicos, que são relações arbitrárias ensinadas tanto de forma direta quanto indireta às pessoas (Sidman

& Tailby, 1982). Como afirma Sidman (1989/2009), “muitas vezes reagimos a palavras e outros símbolos como se fossem as coisas ou eventos aos quais se referem” (p. 34).

Ruiz (2003) afirma que, apesar de a análise do comportamento ter-se mantido por muitos anos afastada da temática gênero, a abordagem poderia contribuir de forma diferente de outras, uma vez que a analisaria como “um conhecimento socialmente construído, moldado e mantido por contingências sociais e padrões de reforço dentro da comunidade verbal” (p. 12). Nesse sentido, a análise do comportamento vai ao encontro de pressupostos feministas, ao considerar essencial a análise contextual e rejeitar afirmações restritivas a cada gênero. De fato, Couto e Dittrich (2017) apontam para o interesse da psicologia em estudar possibilidades para combater a desigualdade de gênero, sendo o estudo sobre feminismo na análise do comportamento uma delas.

Uma vez que a análise do comportamento se interessa não apenas por estudar como se estabelecem e se mantêm determinados comportamentos, mas também em desenvolver ferramentas para transformá-los, o estudo sobre gênero pode auxiliar na mudança das condições adversas às quais indivíduos são expostos para cumprir papéis de gênero. Como uma ciência que visa romper com a desigualdade social, uma das formas de os analistas do comportamento contribuírem é “explorar formas de modificação do comportamento compatíveis com um sistema de valores igualitário, não materialista e não elitista” (Holland, 1974/2016, p. 116).

Mizael (2018), apesar de ter direcionado seu estudo a uma revisão bibliográfica sobre homossexualidade, também discorre sobre gênero e enfatiza sua relevância, devido ao baixo número de artigos encontrados em análise do comportamento sobre temas como esses e que abordassem a concepção de analistas do comportamento sobre gênero e intervenções que visassem a elucidar assuntos relacionados à temática.

Conclui-se que, ao analisar contingências presentes na questão de gênero, o analista do comportamento poderá compreender os agentes controladores envolvidos, já que “as práticas culturais de gênero mantidas pelas contingências sociais ilustram uma fonte generalizada de controle social sutil em nossa cultura” (Ruiz, 2003, p. 14).

Objetivo

Considerando o exposto até aqui, embora existam muitas publicações na psicologia como um todo acerca do tema gênero, torna-se relevante o levantamento de pesquisas em relação a esse tema pertencentes à análise do comportamento.

Dessa forma, esta dissertação teve como objetivo, a partir da literatura disponível na área, caracterizar como pesquisadores analistas do comportamento se posicionam em relação a questões ligadas a gênero, abordando aspectos como definição de gênero, intervenções para a redução de viés de gênero e sexismo e propostas de solução visando à equidade entre gêneros.

Método

A presente pesquisa fez um levantamento de publicações acerca do tema gênero na análise do comportamento primeiramente em três artigos de abordagem analítico-comportamental escritos por autores de conhecimento desta pesquisadora. Posteriormente, foram incluídas buscas em plataformas que contêm artigos com abordagens variadas, conforme detalhamento a seguir.

Bases de Dados

A partir dos três artigos iniciais, esta pesquisadora entrou em contato com outras três pesquisadoras de análise do comportamento que estudam temáticas relacionadas a estereótipos e feminismo, e as mesmas indicaram referências bibliográficas adicionais.

Sete artigos foram selecionados a partir dessas indicações, por serem pertinentes ao tema desta pesquisa, ou seja, estarem relacionados ao tema gênero e por serem de abordagem analítico-comportamental.

Na sequência, realizaram-se buscas em três periódicos nos quais tais artigos foram publicados, sempre com o critério de que fossem da análise do comportamento. Os periódicos utilizados primeiramente foram: *Journal of Applied Behavior Analysis* (JABA), *Behavior Analysis in Practice* (BAP) e *The Psychological Record*.

O JABA, além de conter artigo indicado pelas pesquisadoras, foi escolhido por ser um periódico que contém pesquisas referentes à análise experimental do comportamento socialmente relevantes. O banco de dados digital analisado contempla o ano desde a criação do periódico (1968) até os tempos atuais (2019, ano em que se realizou a presente pesquisa).

Também contendo artigo indicado pelas pesquisadoras, o BAP contempla temas relacionados à prática do analista do comportamento, incluindo relatórios empíricos,

discussões e revisões, razão pela qual foi escolhido. O periódico estabeleceu-se em 2008 e publica até os tempos atuais (2019).

The Psychological Record, além de conter artigo indicado pelas pesquisadoras, foi escolhida tendo em vista a publicação de artigos empíricos e conceituais pertencentes à análise do comportamento. Sua plataforma *on-line* dispõe de publicações desde a sua criação até os tempos atuais (1937-2019).

Posteriormente às buscas realizadas nesses três periódicos, optou-se por procurar artigos em mais um periódico que havia sido comentado pelas pesquisadoras em estereótipos e feminismo durante os contatos, o *Gender Issues*. Apesar de esse periódico em particular não publicar apenas artigos em análise do comportamento, foi selecionado por publicar estudos a respeito de gênero e igualdade de gênero, relação de gênero com política e economia e consequências das relações de gênero.

Procedimento

Descritores e palavras-chave. As palavras-chave utilizadas nas buscas nos quatro periódicos foram selecionadas a partir dos artigos inicialmente indicados pelas três pesquisadoras conforme anteriormente descrito. As palavras-chave foram digitadas entre aspas e, em alguns casos, associadas por meio do operador booleano *AND* conforme a seguinte relação:

- (a) “Gender Stereotype”;
- (b) “Gender Stereotype” AND “Dehumanization of Women”;
- (c) “Gender Stereotype” AND “Gender”;
- (d) “Gender Stereotype” AND “Sexism”;
- (e) “Gender” AND “Dehumanization of Women”;
- (f) “Gender” AND “Sexism”;
- (g) “Implicit Relational Assessment Procedure”;

- (h) “Implicit Relational Assessment Procedure” AND “Dehumanization of Women”;
- (i) “Implicit Relational Assessment Procedure” AND “Gender Stereotype”;
- (j) “Implicit Relational Assessment Procedure” AND “Gender”;
- (k) “Implicit Relational Assessment Procedure” AND “Sexism”;
- (l) “Dehumanization of Women”;
- (m) “Gender”;
- (n) “Sexism”.

Critério para inclusão de artigos. *Periódicos da análise do comportamento.* A

busca inicial de artigos por meio das palavras-chave se deu no dia 3 de agosto de 2019 e retornou como resultado 628 artigos em três dos quatro periódicos selecionados – JABA, BAP e *The Psychological Record* –, por serem eles do referencial teórico da análise do comportamento. Constatou-se que, muitas vezes, artigos que apareceram no resultado de busca a partir de uma palavra-chave apareceram novamente quando outras palavras-chave foram introduzidas.

Um segundo momento para a seleção de artigos se deu a partir da leitura dos resumos (*abstracts*), a fim de constatar se cumpriam o critério de ter relação com o objetivo desta pesquisa: gênero. É importante ressaltar que as plataformas têm uma programação que deixa de cor diferenciada os títulos/*links* de artigos já anteriormente abertos, o que evitou que um mesmo artigo fosse acessado mais de uma vez.

Caso a relação com o tema gênero não ficasse clara na leitura do resumo, era feita uma busca com as teclas Command + F de um notebook Mac® em cada artigo, contendo as expressões *gender* ou *gender stereotype*, para se entender o contexto no qual tais palavras haviam sido inseridas. Essa segunda etapa de seleção resultou em um total de 68 artigos, registrados em uma planilha do *software* Microsoft® Excel em modelo de

referências segundo normas da APA, com ano, autor(es) e filiação de autor(es), ainda com a inclusão de artigos repetidos que haviam sido encontrados em mais de uma palavra-chave.

Num terceiro momento, os artigos duplicados foram excluídos, mantendo-se um único registro para cada um, o que resultou em 25 artigos. Esses 25 artigos foram, então, lidos na íntegra, o que resultou na exclusão de dois deles, por não terem relação com o tema gênero.

Ao final, foram selecionados 23 artigos e mais um adicional, incluído por ter sido indicação de uma das três pesquisadoras inicialmente consultadas. O artigo está presente no periódico *The Psychological Record*, embora não tivesse sido encontrado no banco de dados na busca digital.

Periódico não exclusivo da análise do comportamento. Por não se tratar de periódico estritamente de análise do comportamento, *Gender Issues* foi adicionado posteriormente, e a inclusão de seus artigos dependeu de artigos encontrados nos três periódicos iniciais, com critérios de seleção distintos.

Num primeiro momento de busca, foram digitadas as palavras-chave no campo de busca do periódico, o que retornou um total de 797 artigos. A seleção, então, teve início por meio da leitura dos títulos, uma vez que muitos deles continham termos claramente relacionados a outras abordagens que não a análise do comportamento.

Quando, por meio do título, houvesse dúvida quanto à abordagem, o artigo era aberto, e sua seleção baseou-se em quatro critérios: (a) texto já indicado por uma ou mais pesquisadoras contatadas inicialmente; (b) conter as expressões *reinforcer* e *behavior*, localizadas por meio das teclas Command + F; (c) conter autores, nas referências bibliográficas, conhecidos por esta pesquisadora como pesquisadores em análise do comportamento; (d) conter autores, nas referências bibliográficas, que tenham sido

autores dos textos sobre gênero selecionados nos três outros periódicos, referenciais de análise do comportamento.

Seguindo esses critérios, 11 artigos foram selecionados e inseridos em planilha similar à dos três periódicos anteriores. Foram, então, excluídos os duplicados, o que resultou em uma seleção de três artigos. Esses artigos foram abertos na íntegra, e um deles foi excluído, já que a abordagem psicológica utilizada não era referente à análise do comportamento. Restaram, portanto, dois artigos.

Somando-se os artigos encontrados nos três periódicos analítico-comportamentais e os artigos encontrados no periódico *Gender Issues* mais um artigo indicado por uma pesquisadora consultada, a presente pesquisa conta com a análise de 26 artigos.

Classificação de dados. Após a seleção dos 26 artigos, suas informações foram digitadas no Excel de acordo com sete categorias que haviam sido identificadas e definidas para o objetivo desta pesquisa: (a) dados básicos do estudo; (b) participantes; (c) aspectos metodológicos; (d) objetivos; (e) resultados; e (f) definição de gênero. Constatou-se, porém, que nem todas as informações dos 26 artigos se aplicavam, principalmente relacionadas às categorias *participantes*, *aspectos metodológicos* e *procedimento*.

Optou-se, então, por classificar os artigos em dois grupos e analisá-los sob a óptica das categorias condizentes. Assim, os artigos foram classificados em dois tipos de investigação: (a) experimental; e (b) reflexiva (Andery, 2010).

Investigação experimental, nesta pesquisa, classifica-se como a que manipula variáveis, com o objetivo de descrever processos comportamentais. Na *investigação reflexiva*, não se manipula variáveis, e há uma concentração em discorrer sobre a própria área, a análise do comportamento.

As análises foram feitas por meio de duas subdivisões: (a) análise conjunta de pesquisas do tipo experimental e reflexiva; e (b) análise apenas de pesquisas do tipo experimental.

Investigação experimental e reflexiva. Para a análise conjunta de informações contidas em pesquisas do tipo experimental e do tipo reflexiva, as categorias definidas são apresentadas na Tabela 1.

Tabela 1

Categorias de Análise dos Estudos Pesquisados

Dimensão	Categoria	Descrição
Dados básicos do estudo	Referência bibliográfica	Referência bibliográfica completa do artigo, de acordo com as normas da APA
	ID	Número de identificação atribuído a cada artigo no presente estudo
	Ano	Ano da publicação
	Autores	Nome do(s) autor(es)
	Filiação	Universidade, instituição, etc. à qual pertence o autor
	Periódico	Nome do periódico
	Palavras-chave	Palavras-chave escolhidas pelo(s) autor(es)
	Tema do artigo	Assunto abordado no artigo
Gênero	Definição de gênero	Como os autores definem gênero
	Esteréotipos de gênero	Exemplos dos autores sobre estereótipos de gênero
	Como se estabelecem estereótipos de gênero	Exemplos dos autores sobre como estereótipos de gênero são estabelecidos no repertório de um indivíduo
	Consequências dos estereótipos de gênero	Implicações de se ter papéis de gênero pré-definidos
	Soluções para as questões de gênero	Como analistas do comportamento e a sociedade podem ajudar a solucionar questões que envolvem a desigualdade de gênero

Investigação experimental. Onze dos 26 artigos foram classificados como investigações experimentais. Os artigos assim classificados cumpriram os critérios de apresentarem variáveis manipuladas planejadas pelo pesquisador, variáveis estas que podem ou não impactar um comportamento socialmente relevante. As categorias de análise escolhidas para artigos classificados como investigação experimental estão na Tabela 2.

Tabela 2

Categorias Utilizadas para Análise dos Artigos Classificados como Investigação Experimental

Dimensão	Categoria	Descrição
Participantes	Faixa etária	Faixa etária, conforme descrita no estudo
	Quantidade de pessoas	Número de participantes, conforme aparece no estudo
Aspectos metodológicos	Instrumentos	Instrumentos utilizados no estudo
	Medida do comportamento	Direta ou indireta
	Delineamento	De grupo ou de sujeito único
Objetivos	Objetivo do estudo	O que norteia o estudo, conforme descrito
	Comportamento-alvo	Qual comportamento pretende-se que o participante atinja
Resultados	Resultados do estudo	Quais conclusões o estudo traz, conforme descrito

Fidedignidade. Foram analisados e categorizados 20% dos estudos por outra pesquisadora, determinados randomicamente, com a ferramenta *on-line Random.org*, havendo a possibilidade de escolha de quaisquer dos artigos analisados deste estudo.

Os resultados da análise das duas pesquisadoras foram comparados entre si. As seis categorias de identificação mais imediatas (nome do artigo, nome dos autores, filiação, periódico, ano de publicação, palavras-chave) foram checadas, mas não fizeram

parte do índice de fidedignidade. As demais variáveis foram comparadas separadamente, e o cálculo do índice de concordância foi feito dividindo-se o número de concordâncias pelo número de discordância mais concordâncias e multiplicando o resultado desse cálculo por 100. A concordância entre os avaliadores foi de 80,5%.

Resultados e Discussão

Investigação Experimental e Investigação Reflexiva

A Tabela 3 indica a referência completa de cada um dos 26 artigos analisados e suas respectivas IDs, que serão referenciadas ao longo da descrição dos resultados.

Tabela 3

Artigos Seleccionados, com Referências Completas

ID	Referência completa do artigo
1	Rekers, G. A., & Lovaas, O. I. (1974). Behavioral treatment of deviant sex-role behaviors in a male child. <i>Journal of Applied Behavior Analysis</i> , 7(2), 173–190. doi:10.1901/jaba.1974.7-173
2	Winkler, R. (1977) What types of sex-role behaviour should behaviour modifiers promote? <i>Journal of Applied Behaviour Analysis</i> , 10, 549–552.
3	Rekers G. A. (1977). Atypical gender development and psychosocial adjustment. <i>Journal of applied behavior analysis</i> , 10(3), 559–571. doi:10.1901/jaba.1977.10-559
4	Nordyke, N. S., Baer, D. M., Etzel, B. C., & LeBlanc, J. M. (1977). Implications of the stereotyping and modification of sex role. <i>Journal of Applied Behavior Analysis</i> , 10(3), 553–557. doi:10.1901/jaba.1977.10-553
5	Bankart, C. P., & Wittenbraker, J. E. (1980). Sex-role orientation of perceivers and targets as variables in the person perception process. <i>The Psychological Record</i> , 30, 143–153.
6	Dodd, D. K., Harcar, V., Foerch, B. J., & Anderson, H. T. (1989). Face-ism and facial expressions of women in magazine photos. <i>The Psychological Record</i> , 39, 325–331.
7	Moxon, P. D., Keenan, M., & Hine, L. (1993). Gender-role stereotyping and stimulus equivalence. <i>The Psychological Record</i> , 43, 381–393.
8	Myers, D. L. (1995). Eliminating the battering of women by men: Some considerations for behavior analysis. <i>Journal of Applied Behavior Analysis</i> , 28(4), 493–507.
9	Rabelo, L. Z., Bortoloti, R., & Souza, D. D. (2014). Dolls are for girls and not for boys: Evaluating the appropriateness of the Implicit Relational Assessment Procedure for school-age children. <i>The Psychological Record</i> , 64, 71–77.
10	Borhart, H. M., & Terrell, H. K. (2014). Perceptions of aggression are colored by gender roles. <i>The Psychological Record</i> , 64, 441–445.
11	Kilmartin, C., Semelsberger, R., Dye, S., Boggs, E., & Kolar, D. (2014). A behavior intervention to reduce sexism in college men. <i>Gender Issues</i> , 32(2), 97–110. doi: 10.1007/s12147-014-9130-1
12	Hussey, I. W., Mhaoileoin, D. N., Barnes-Holmes, D., Ohtsuki, T., Kishita, N., Hughes, S. J., & Murphy, C. (2016). The IRAP is nonrelative but not acontextual: Changes to the contrast category influence men’s dehumanization of women. <i>The Psychological Record</i> , 66, 291–299.
13	Cartwright, A., Roche, B., Gogarty, M., O’Reilly, A., & Stewart, I. (2016). Using a modified Function Acquisition Speed Test (FAST) for assessing implicit gender stereotypes. <i>The Psychological Record</i> , 66, 223–233.
14	Cartwright, A., Hussey, I. W., Roche, B., Dunne, J. A., & Muphy, C. (2017). An investigation into the relationship between the gender binary and occupational discrimination using the Implicit Relational Assessment Procedure. <i>The Psychological Record</i> , 67, 121–130.

(continua)

(continuação)

ID	Referência completa do artigo
15	Drake, C. E., Primeaux, S., Thomas, J. (2017) Comparing implicit gender stereotypes between women and men with the Implicit Relational Assessment Procedure. <i>Gender Issues</i> , 35(1), 3–20.
16	Li, A., Curiel, H., Pritchard, J., & Poling, A. (2018). Participation of women in behavior analysis research: Some recent and relevant data. <i>Behavior Analysis in Practice</i> , 11(2), 160–164. doi:10.1007/s40617-018-0211-6
17	Rehfeldt, R. A. (2018). Lessons from a female academician: Some further reflections on a glass ceiling. <i>Behavior Analysis in Practice</i> , 11(3), 181–183. doi:10.1007/s40617-018-0218-z
18	Errasti, J., Martinez, H., Rodriguez, C., Marquez, J., Maldonado, A., & Menendez, A. (2019). Social context in a collective IRAP application about gender stereotypes: Mixed versus single gender groups. <i>The Psychological Record</i> , 69, 39-48.
19	Li, A., Gravina, N., Pritchard, J. K., & Poling, A. (2019). The gender pay gap for behavior analysis faculty. <i>Behavior Analysis in Practice</i> , 12(4), 743–746. doi:10.1007/s40617-019-00347-4
20	Connors, B., Johnson, A., Duarte, J., Murriky, R. and Marks, K. (2019). Future directions of training and fieldwork in diversity issues in applied behavior analysis. <i>Behavior Analysis in Practice</i> , 12(4), 767–776.
21	Defelice, K. A., & Diller, J. W. (2019). Intersectional feminism and behavior analysis. <i>Behavior Analysis in Practice</i> , 12(4), 831–838. doi:10.1007/s40617-019-00341-w
22	Sundberg, D. M., Zoder-Martell, K. A., & Cox, S. (2019). Why WIBA? <i>Behavior Analysis in Practice</i> , 12(4), 810–815. doi:10.1007/s40617-019-00369-y
23	Baires, N. A., & Koch, D. S. (2019). The future is female (and behavior analysis): A behavioral account of sexism and how behavior analysis is simultaneously part of the problem and solution. <i>Behavior Analysis in Practice</i> , 12. Recuperado de https://link.springer.com/article/10.1007/s40617-019-00394-x . doi:10.1007/s40617-019-00394-x
24	Blair, B. J., Blanco, S., Ikombo-Deguenon, F., & Belcastro, A. (2019). Sex/gender phenotypes and the diagnosis and treatment of autism spectrum disorder: Implications for applied behavior analysts. <i>Behavior Analysis in Practice</i> , 12. Recuperado de https://link.springer.com/article/10.1007/s40617-019-00376-z . doi:10.1007/s40617-019-00376-z
25	Eilers, H. (2019). The utility of a function-based approach to intimate partner violence and gender bias in family courts. <i>Behavior Analysis In Practice</i> , 12(4), 869–878. doi:10.1007/s40617-019-00383-0
26	Leland, W., & Stockwell, A. A self-assessment tool for cultivating affirming practices with transgender and gender-nonconforming (TGNC) clients, supervisees, students, and colleagues. <i>Behavior Analysis in Practice</i> , 12(4), 816–825. doi:10.1007/s40617-019-00375-0

Dados Básicos dos Estudos e Frequência Acumulada

Dos 26 artigos, 11 foram identificados como investigações experimentais. Ainda que certas categorias de análise tenham sido exclusivas para investigações do tipo experimental, a maior parte das categorias foi utilizada para a análise dos 26 artigos em conjunto.

A Tabela 4 apresenta o número de artigos encontrados em cada um dos periódicos e sua respectiva porcentagem. É possível dizer que a maior parte dos artigos associados aos temas gênero e estereótipos de gênero se deu no periódico *Behavior Analysis in Practice* (BAP).

O periódico *Gender Issues* apresentou o menor número de artigos encontrados, o que possivelmente se deve ao fato de um dos critérios de seleção para o atual estudo ter sido de os artigos serem de abordagem analítico comportamental, e esse periódico não conter exclusivamente pesquisas com tal abordagem.

Tabela 4

Número de Artigos por Plataforma e Total de Artigos

Periódico	Número de artigos	Porcentagem
BAP	10	38%
The Psychological Record	9	35%
JABA	5	19%
Gender Issues	2	8%
Total	26	100%

Apesar de a presente pesquisa não ter feito um recorte de período na busca, os resultados indicaram publicações de estudos de 1974 até 2019. A Figura 1, na página seguinte, demonstra a frequência acumulada de artigos relacionados ao tema nesse período. É possível observar uma inclinação mais acentuada na curva em 2019, ano no qual houve maior número de artigos publicados (nove dos 26 artigos). A década de 2010-2019 apresenta-se sendo a que mais houve publicações, totalizando 18.

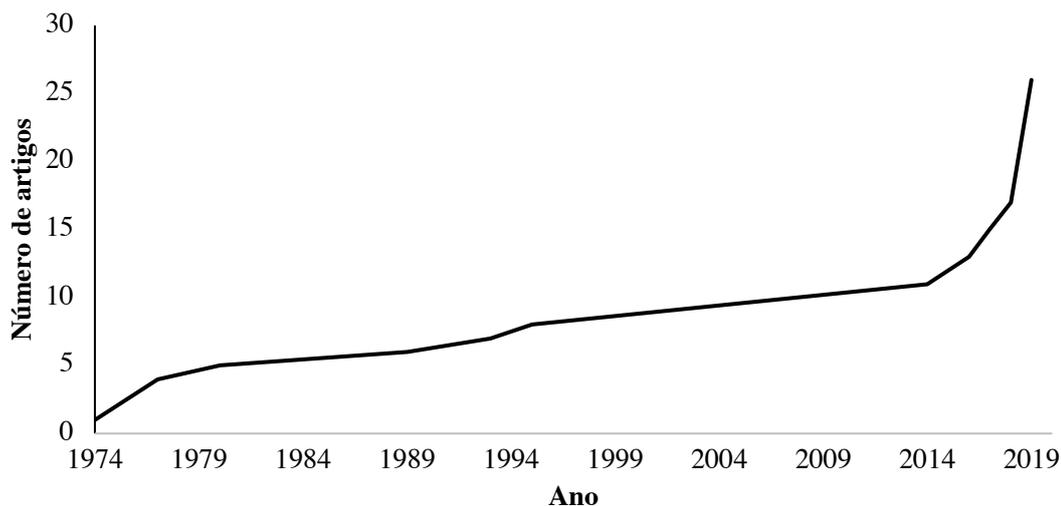


Figura 1. Frequência acumulada de artigos publicados ao longo dos anos de 1974 a 2019.

Entre o período que compreende as décadas de 1980, 1990 e 2000, é possível observar a inclinação da curva mais paralela ao eixo x , o que indica maior estagnação de publicações. Na década de 2000-2009, não ocorreu qualquer publicação.

Em 2010, foi acordado pela Comissão Estatística das Nações Unidas (UNDP, 2010) a produção de dados estatísticos referentes a gênero, acontecimento que pode ter contribuído para a alavancada de pesquisas relacionadas ao tema.

Soma-se a isso o fato de que, em 2018, a Organização Mundial da Saúde (OMS) apontou a importância da despatologização de incongruências de gênero, bem como as implicações que a mesma pode ter para indivíduos transgêneros. O fato de um indivíduo ser transgênero deixou de ser considerado um transtorno de identidade de gênero, outro fator que pode ter despertado mais interesse em estudos na área.

Outra possível explicação para o número maior de publicações ter ocorrido na década que contempla 2010-2019 é o fato de o periódico BAP somente ter-se estabelecido a partir de 2008. Os demais – *Gender Issues*, *JABA* e *The Psychological Record* – publicaram, respectivamente, desde 1980, 1937 e 1968 até 2019.

Autores

A Tabela 5 expõe o número de publicações relacionadas ao tema gênero realizadas por autores que publicaram mais de uma vez. Apenas oito dos 73 autores identificados nos 26 artigos analisados publicaram mais de uma vez (duas vezes, cada um deles). Os demais autores tiveram um artigo publicado cada um. É possível concluir que não há número considerável de pesquisadores recorrentes que abordem o tema gênero.

Tabela 5

Número de Artigos Publicados por Autores que Publicaram Mais de Uma Vez

Autores	Número de artigos publicados
Alan Poling	2
Anita Li	2
Aoife Cartwright	2
Bryan Roche	2
Carol Muphy	2
George A. Rekers	2
Ian Hussey	2
Joshua K. Pritchard	2

Artigos por Filiação

Há um total de 31 filiações dos autores referentes aos 26 artigos analisados. Na página seguinte, a Figura 2 demonstra o número de artigos publicados por filiação. É possível observar que a instituição que mais publicou foi a Southern Illinois University, localizada nos Estados Unidos – autores filiados a ela publicaram quatro dos 26 artigos. Em seguida, vem a Maynooth University, localizada na Irlanda, com três artigos publicados por autores filiados a ela. Ghent University (Bélgica), University of Florida (EUA) e Western Michigan University (EUA) tiveram três dos 26 artigos publicados por

autores filiados a ela cada uma. As demais filiações tiveram um total de uma publicação cada.

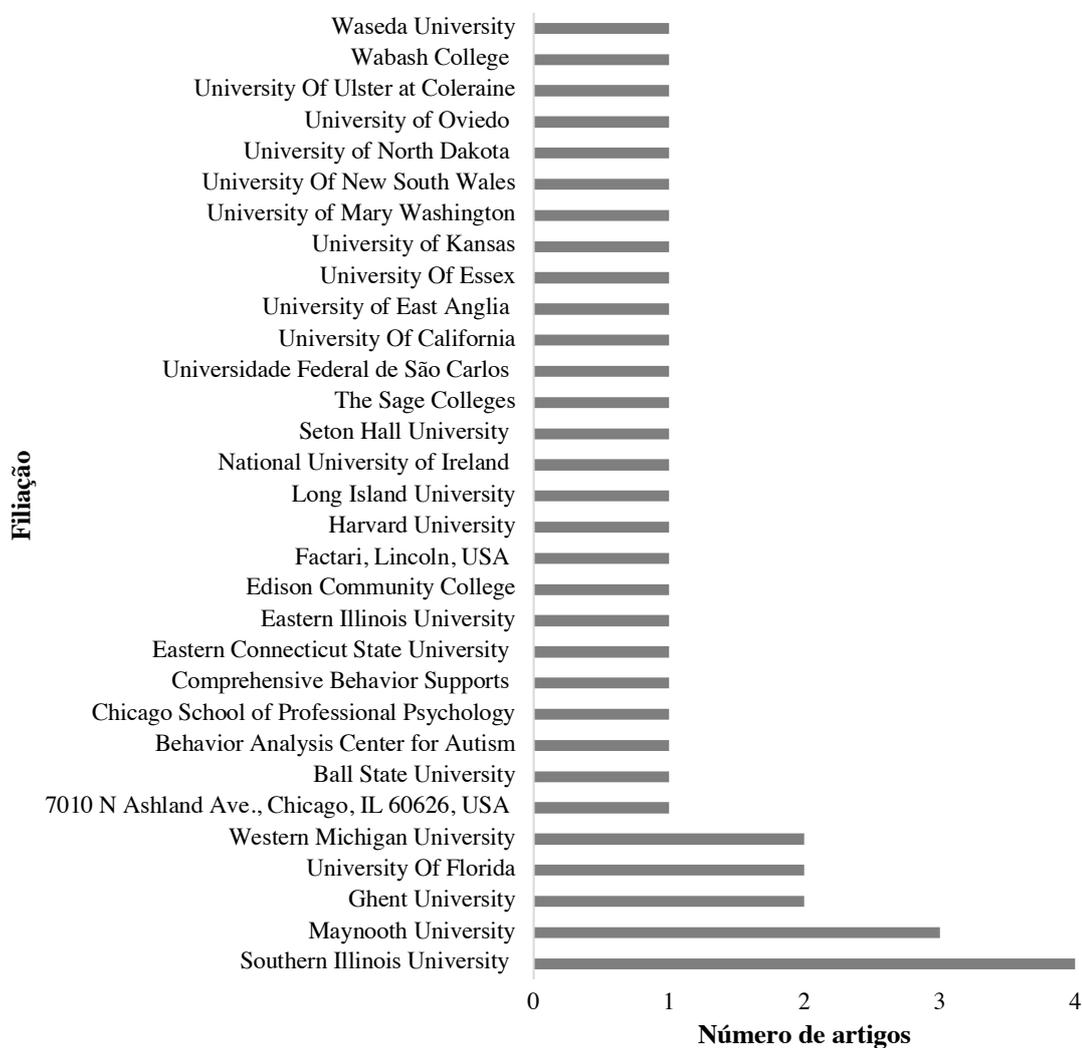


Figura 2. Número de artigos publicados por filiação dos autores

Nota-se que das cinco universidades com maior número de artigos publicados acerca do tema gênero, três são estadunidenses. Uma das explicações para tais resultados pode dever-se ao fato de os programas pioneiros de análise do comportamento terem origem nos Estados Unidos, sendo que a Southern Illinois University, Western Michigan University e University of Florida estão entre eles. (Ardila, 2006).

Palavras-Chave

Oito dos 26 artigos não tinham descritores, o que pode se dever ao fato de fazerem parte dos artigos mais antigos selecionados na atual análise (1974-1993), o que compromete sua disponibilidade e acesso em plataformas digitais.

No total, 83 palavras-chave foram encontradas nos 18 artigos que continham descritores, considerando as repetições. Quatorze delas aparecem mais de uma vez nos artigos. Para analisá-las, algumas palavras-chave foram classificadas de acordo com suas semelhanças, tanto por significado quanto temática, totalizando 16 palavras-chave que se repetiram mais de uma vez. A Tabela 6 resume essas palavras-chave, traduzidas para a língua portuguesa por esta pesquisadora.

Tabela 6

Palavras-Chave Presentes Mais de Uma Vez em 18 Artigos

Palavras-chave	Incidência
Procedimento Relacional de Avaliação Implícita (IRAP)	5
Gênero; Sexo/gênero	5
Teoria das Molduras Relacionais (RFT)	3
Mulheres	3
Análise do comportamento	2
Análise do comportamento aplicada	2
Autoria	2
Análise bibliométrica	2
Editoria	2
Questões de gênero	2
Estereótipos de gênero	2
Homens	2
Publicações	2
Sexismo	2
Agressão/agressivo	2
Medida implícita/Teste implícito	2

Das palavras-chave mais presentes (repetidas) em 18 artigos, *Implicit Relational Assessment Procedure* (Procedimento Relacional de Avaliação Implícita – IRAP) e

gender; *sex/gender* foram as que mais apareceram, com cinco incidências cada uma. O IRAP é uma avaliação por meio de um programa de computador que se baseia na média de latência. A hipótese é a de que quanto mais rapidamente os participantes respondem a uma tarefa (menor latência), mais consistente é sua crença atual acerca daquela temática (Barnes-Holmes et al., 2006; Power, Barnes-Holmes, & Barnes-Holmes, 2009). Ele tem sido utilizado em pesquisas que visam a estudar estereótipos diversos, incluindo estereótipos de gênero (Blakemore & Centers, 2005). Esse termo não havia sido inicialmente definido como um dos descritores de busca na atual pesquisa, diferentemente de *gender*, mas, ao ser observada sua recorrência, passou a integrar as expressões utilizadas nas buscas (pp. 13-14 desta dissertação) e teve, como palavra-chave, o mesmo número de incidências que *gender*.

Relational Frame Theory (RFT) e *women* foram escolhidas como palavras-chave por três artigos, cada uma. É possível dizer que as recorrências do IRAP e da RFT (Perez et al., 2013) relacionam-se entre si, uma vez que o IRAP é “uma combinação do IAT e um procedimento anterior baseado em RFT conhecido como Procedimento de Avaliação Relacional (REP)” (Power et al., 2009).

Para além das 16 palavras-chaves que se repetiram, optou-se por realizar uma classificação de todas as 83 palavras-chave que apareceram nos 18 dos 26 artigos em categorias, dada sua extensa variedade. A classificação resultou em 10 diferentes categorias, como demonstra a Tabela 7, na p. 29, com traduções para a língua portuguesa feitas por esta pesquisadora. São elas:

- (a) *Aspectos bibliográficos* dizem respeito a informações básicas do artigo;
- (b) *Participantes* englobam termos referentes aos participantes da pesquisa;
- (c) *Diagnóstico* refere-se a palavras-chave que nomeiam uma condição/transtorno;

- (d) *Práticas profissionais/acadêmicas* dizem respeito ao exercício da profissão na academia ou em outros ambientes;
- (e) *Aspectos metodológicos* contemplam instrumentos, procedimentos ou termos de um procedimento;
- (f) Os termos relacionados à teoria e aplicação da análise do comportamento foram classificados como *filosofia/ciência do comportamento*;
- (g) Termos que se dirigem à agressividade e atos violentos estão presentes na categoria *violência*;
- (h) *Práticas políticas e sociais* referem-se a formulações políticas, princípios morais, filosofias e assim por diante;
- (i) A categoria *estereótipos* refere-se a palavras-chave que abordam padrões socialmente estabelecidos e suas atribuições;
- (j) Em *gênero/questões de gênero/sexualidade*, estão termos que se referem a características de gênero, papéis de gênero, desigualdades de gênero e comportamentos sexuais.

Tabela 7

Categorização de Palavras-Chave Presentes em 18 Artigos

Categoria	Palavras-Chave	Total
Aspectos bibliográficos	Autoria Análise bibliométrica Editoria Publicações Academia	5
Participantes	Mulheres Homens Adultos Crianças	
Diagnóstico	Transtorno do espectro autista Diagnóstico	2
Práticas profissionais/acadêmicas	Trabalho de campo Pós-graduação Supervisão	3
Aspectos metodológicos	Procedimento Relacional de Avaliação Implícita (IRAP) Teoria das Molduras Relacionais (RFT) Medida implícita; teste implícito Medição de atitude Contingências Relações derivadas Teste de Velocidade de Aquisição de Função (FAST) Cognição implícita Intervenções Autoavaliação Equivalência de estímulos	11
Filosofia/ciência do comportamento	Análise do comportamento Análise do comportamento aplicada Intervenção comportamental Behaviorismo Comportamento	5
Violência	Agressão Agressivo Violência doméstica Atitudes de apoio ao estupro	4
Práticas políticas/sociais	Ativismo Práticas culturais Diversidade Multiculturalismo Justiça social Ética Feminismo interseccional	7
Estereótipo	Estereótipos Atribuições	2

(continua)

(continuação)		
Categoria	Palavras-Chave	Total
Gênero/ Questões de gênero/ Sexualidade	Gênero e sexo/gênero Questões de gênero Estereótipos de gênero Sexismo Desumanização de mulheres Mulheres Feminismo Gênero binário Diferenças de gênero Discriminação de gênero Brinquedos relacionados ao gênero Práticas de gênero Papéis de gênero LGBTQIA Sexualidade Transgênero	16

Nota-se que a categoria que engloba o maior número de palavras-chave é *gênero/questões de gênero/sexualidade* (16 palavras). Alguns dos termos presentes nessa categoria foram utilizados no atual estudo como descritores na busca de artigos –*gender*, *gender stereotype*, *sexism*. O número maior de palavras nesta categoria pode indicar um maior interesse dos autores em questões que são consequência à existência de papéis de gênero ou respostas de tentativa de igualdade de direitos, já que cinco das 16 palavras referem-se a tais tópicos, sendo elas: *gender issues*, *sexism*, *dehumanization of women*, *feminism*, *gender discrimination*.

Temas

A Tabela 8 (p. 32) revela a quantidade de artigos por tema, definidos pela autora no atual estudo. É possível concluir que os temas mais recorrentes entre os 26 artigos se dirigem a *mulheres na análise do comportamento*; *disparidades entre gêneros na análise do comportamento* (19%) e *medidas implícitas de estereótipos de gênero* (19%). Artigos que fazem críticas ao analista do comportamento em modificação de comportamentos relacionados a estereótipos de gênero ou que respondem a essas críticas totalizaram três, o que corresponde a 12% do total.

A desigualdade entre gêneros é tema que tem sido abordado com frequência ao redor do mundo, principalmente na última década. É de se esperar que a mesma tendência se reflita especificamente na academia, em relação aos analistas do comportamento.

Os autores dos cinco artigos sobre *Mulheres na análise do comportamento; disparidades entre gêneros na análise do comportamento* são filiados a universidades dos Estados Unidos, país no qual o índice de desigualdade entre gêneros tem diminuído ao longo dos anos, em especial no período que compreende os anos de 1995 e 2018 (Organização das Nações Unidas [ONU], 2015). A disparidade, porém, ainda persiste, e o fato de os artigos que trazem essa discussão terem sido publicados em anos recentes (dois em 2018 e três em 2019) permite concluir que o caminho para a equidade entre homens e mulheres deve continuar.

Os instrumentos que avaliam *medidas implícitas de estereótipos de gênero*, tanto o IRAP quanto o FAST, têm sido utilizados em diferentes estudos, mostrando-se bem-sucedidos na identificação de vieses. Ainda assim, estudos poderiam ser feitos para relacionar, por exemplo, a probabilidade de pessoas que indicaram ter viés de gênero a se comportarem de forma sexista.

Tabela 8

Classificação dos 26 artigos em assuntos Abordados, Seus Respectivos Números e Porcentagem

Assunto	Número de artigos	Porcentagem
Mulheres na análise do comportamento; disparidades entre gêneros na análise do comportamento	5	19%
Medidas implícitas de estereótipos de gênero	5	19%
Crítica ou resposta à crítica relacionada à mudança comportamental relacionadas à intervenção comportamental de "comportamentos de gênero desviantes"	3	12%
Diferenças no responder a depender do gênero do observador ou do oponente	2	8%
Sugestões de práticas para analistas do comportamento relacionadas ao tema "gênero"	2	8%
Violência à mulher	2	8%
Feminismo e análise do comportamento	1	4%
Relação entre diagnóstico e gênero	1	4%
Intervenção comportamental de "comportamentos de gênero desviantes"	1	4%
Estereótipos de gênero e mídia	1	4%
Estereótipos de gênero e equivalência de estímulos	1	4%
Redução de sexismo em homens	1	4%
Desumanização de mulheres e IRAP	1	4%
Total	26	100%

Definição de Gênero

Dos 26 artigos analisados, apenas seis definem o termo gênero. As definições foram retiradas a partir de trechos do texto e traduzidas na terceira coluna na Tabela 9, na página a seguir.

Tabela 9

Definições de Gênero Dadas em Cinco dos 26 Artigos

ID	Definição de gênero, segundo trechos do artigo	
	Original	Tradução
10	Masculinity and femininity can be described as an individual's endorsement and internalization of culturally defined norms about the male and female gender role	Masculinidade e feminilidade podem ser descritas como a declaração e a internalização do indivíduo de normas culturalmente definidas sobre o papel de gênero masculino e feminino
13	Our very understanding of gender (i.e., roles, behaviors, and attributes)	Nosso próprio entendimento de gênero (ou seja, papéis, comportamentos e atributos)
15	Gender is a pervasive social categorization bearing substantial impact on personal and social behavior throughout the lifespan	O gênero é uma categorização social disseminada, com impacto substancial no comportamento pessoal e social ao longo da vida
22	Gender is ubiquitous and subtle. The term <i>gendering</i> to refer to the behaviors we engage in related to gender stereotyping	O gênero é onipresente e sutil; o termo <i>gendering</i> para se referir aos comportamentos em que nos envolvemos relacionados a estereótipos de gênero
24	We chose to use the dual term sex/gender given how difficult it is to separate the biological and socially constructed aspects of the definitions of male and female	Optamos por usar o termo duplo sexo/gênero, dada a dificuldade de separar os aspectos biológicos e aspectos socialmente construídos das definições de masculino e feminino
26	Gender identity refers to a person's sense of their covert experience of being a woman/girl, man/boy, some combination of the two, neither, or something else altogether. Gender identity is different from a person's sex assigned at birth (i.e., male, female, or intersex, a label given to a baby at birth based on the appearance of their external genitals).	A identidade de gênero refere-se à percepção de uma pessoa de sua experiência encoberta de ser mulher/menina, homem/menino, certas combinações dos dois, nenhum dos dois, ou qualquer outra coisa. A identidade de gênero é diferente do sexo de uma pessoa atribuído no nascimento (ou seja, masculino, feminino ou intersexo, um rótulo dado a um bebê no nascimento, com base na aparência de seus órgãos genitais externos).

Metade dos artigos que definem gênero relacionam o termo como algo socialmente construído (IDs 10, 13, 24) e que influenciam o comportamento que o indivíduo terá diante da sociedade (ID 10, 15, 22).

Dois artigos fazem menção à discussão de sexo e gênero, sendo que um deles prefere usar os termos de forma conjunta (ID 24), dada a dificuldade de distinção entre o que é biológico e o que é aprendido; e o outro (ID 26) relaciona ao primeiro termo

atributos biológicos no nascimento e, ao segundo termo, experiências construídas ao longo da vida de um indivíduo. Tal distinção é frequente na literatura feminista, apesar de não unânime. A feminista e analista do comportamento Maria R. Ruiz (2003) entende sexo como uma característica biológica e, portanto, filogenética, com a qual o indivíduo nasce; e gênero como produto de respostas que são selecionadas por uma cultura.

Estereótipos de Gênero

Entre os 26 artigos analisados no presente estudo, 11 apresentam exemplos de estereótipos de gênero. A Tabela 10 demonstra os estereótipos femininos e masculinos descritos por esses 11 artigos, bem como suas incidências.

Tabela 10

Exemplos de Estereótipos de Gênero em 11 dos 26 artigos analisados

Estereótipos femininos	Número de vezes
Sensibilidade/emotividade	4
Empatia/gentileza	3
Preocupação com a aparência	3
Brincar de boneca	3
Fraqueza	2
Preocupação/ansiedade	2
Dependência	2
Tarefas domésticas	1
Boa comunicação	1
Menor promiscuidade	1
Não inteligência	1
Cabelo comprido	1
Passividade para estabelecer relações sexuais	1
Insegurança	1

(continua)

(continuação)

Estereótipos masculinos	Número de vezes
Agressividade	3
Dominância	2
Inteligência	2
Brincar de carrinho	2
Determinação	2
Provedor	1
Ambição	1
Cabelo curto	1
Ativo para estabelecer relações sexuais	1
Autoestima	1
Cor azul	1

Nota-se que o exemplo de estereótipo de gênero feminino mais comumente descrito referiu-se à sensibilidade/emotividade (quatro vezes). Exemplos que foram citados três vezes dizem respeito a empatia/gentileza, preocupação com a aparência e brincar de boneca. Já para estereótipos masculinos, o exemplo mais citado foi agressividade (três vezes). Além disso, estereótipos relacionados a dominância, inteligência, determinação e brincar de carrinho foram citados duas vezes cada um.

Ainda que poucos papéis sociais possam ter sido atribuídos especificamente a um dos gêneros por uma questão biológica, como é o caso de amamentação para mulheres e de força física para homens (Daly, 1996, p. 210), estes variam de cultura para cultura e se mantêm em prol dos interesses da comunidade.

É possível observar que os estereótipos femininos estão relacionados, na maioria das vezes, a características que envolvem a interação adequada com o próximo, como comportamentos ligados à gentileza, empatia, parceria. Essas características que são reforçadas em mulheres desde a infância, no entanto, poderiam, em seu extremo, resultar em doação excessiva ao próximo, o que corrobora, inclusive, para características de dependência e preocupação (estereótipos apontados também como femininos). Os estereótipos vinculados ao gênero masculino parecem inclinar-se para características

tipicamente valorizadas no mercado de trabalho, como é o caso de inteligência, ambição, autoestima e determinação, características estas, que, se incentivadas e reforçadas de formas extremas, poderiam resultar em indivíduos dominantes, agressivos (estereótipos masculinos citados) e egoístas.

Ellemers (2014) aponta que estereótipos de gênero comumente são explicados devido a diferenças biológicas entre homens e mulheres. No entanto, o maior nível hormonal masculino de testosterona, por exemplo, muitas vezes relacionado a certas atribuições de comportamentos agressivos, também tem sido referido em pesquisas que o relacionam à eliciação de comportamentos de cuidados pró-sociais. Ademais, pesquisas indicam que o sexo do indivíduo controla como os outros se comportam em relação a ele, o que, por fim, resulta em diferentes pensamentos e comportamentos dadas diferentes condições às quais o indivíduo foi exposto (Eagly & Wood, 1999; Irvine, 1986).

Consequências de Papéis de Gênero

A Tabela 11, na página seguinte, demonstra as consequências apontadas pelos autores e a quantidade de vezes em que são descritas. Dos 26 artigos analisados, apenas 14 descreveram consequências de papéis atribuídos a cada gênero.

Tabela 11

Exemplos de Consequências de Papéis de Gênero Dados por 14 dos 26 Artigos, Quantidade de Artigos que as Descrevem e suas Respectivas Identificações

Consequências de papéis de gênero	Qtde. de artigos	IDs
1. Desigualdade de oportunidades a pessoas do gênero feminino ou transgênero no campo de estudo e trabalho/Desigualdade salarial	8	11, 13, 15, 16, 17, 19, 22, 23
2. Violência contra pessoas do gênero feminino ou transgênero	4	8, 10, 11, 26
3. Discriminação de pessoas do gênero feminino ou transgênero no emprego	2	22, 26
4. Comportamentos agressivos nos homens	1	10
5. Desumanização de mulheres	1	11
6. Oposição entre gêneros	1	14
7. Autopercepção negativa feminina	1	15
8. Desigualdade às mulheres na liberdade em suas vidas pessoais	1	22
9. Diagnóstico incorreto ou tardio em mulheres com transtorno do espectro autista e intervenção tardia	1	24
10. Acesso limitado de transgêneros a cuidados médicos	1	26
11. Acesso limitado de transgêneros à moradia	1	26
12. Diferenças de repertórios comportamentais	1	22

É possível observar que houve 12 descrições de consequência de papéis de gênero citados nos 14 artigos. Das consequências apontadas, 10 referem-se a prejuízos a pessoas do gênero feminino e algumas delas incluem consequências aos transgêneros. A consequência de desigualdade de oportunidades de emprego tanto para pessoas do gênero feminino quanto para pessoas transgêneras foi a mais citada (n = 8).

A divisão de papéis no mercado de trabalho é uma das consequências de estereótipos de gênero (Wood & Eagly 2010). Apesar de se reduzir com o passar dos anos, as desigualdades entre homens e mulheres no que diz respeito a qualificações,

forma como são tratados e salários ainda são aquém para mulheres (Blau & Lawrence, 2000). A análise do comportamento tem-se disposto a pesquisar e discutir acerca de diferenças de oportunidades e salariais entre analistas do comportamento (McSweeney et al., 2000), além de conferências criadas recentemente com o intuito promover diálogos e mudanças em tais aspectos, como a Women in Behavior Analysis (WIBA).

Soluções propostas a analistas do comportamento e sociedade como um todo para questões ligadas ao gênero. Dos 26 artigos lidos na íntegra para o atual estudo, a maioria deles (16) dispôs de soluções dadas diretamente a analistas do comportamento para o combate a questões de gênero. Três artigos, todos de investigação do tipo experimental (IDs 14, 15 e 18), propõem que analistas do comportamento pesquisem mais acerca do tema gênero e estereótipos de gênero, como, por exemplo, uma pesquisa que estudasse a relação entre estereótipos implícitos e comportamento discriminatório, a fim de trabalhar com previsibilidade.

Os autores sugerem que analistas do comportamento intervenham para conscientizar homens de seus privilégios e que ensinem aos homens a habilidade de confrontar de forma eficaz as atitudes sexistas de outros homens (ID 11). Para as mulheres que são vítimas de violência, são propostos abrigos, bem como o ensino de comportamentos que visem maior independência das mesmas. Aos homens que cometem atos violentos, são sugeridas consequências legais para a redução dos mesmos (ID 13).

As críticas de autores direcionadas aos analistas dos comportamentos dizem respeito a estudos que visam a “normalizar” o comportamento sexual” de crianças (o qual, no caso do estudo de ID 4, é compreendido por comportamentos ligados a estereótipos de gênero), bem como a forma desigual com a qual a academia se comporta em relação a oportunidades que dá às mulheres (IDs 16 e 19), incluindo a diferenciação salarial em relação aos homens (ID 19).

Os analistas do comportamento, segundo os autores, devem reconhecer aspectos que afetam suas observações em relação a questões de gênero (IDs 9 e 16), como a sua própria história de reforçamento e as normas culturais a qual são expostos. A órgãos controladores do exercício da profissão de analistas do comportamento, como é o caso do Behavior Analyst Certification Board (BCBA), a exigência de treinamentos acerca de diversidade deveria ocorrer (ID 20). Além disso, os autores sugerem que haja congressos direcionados especificamente a assuntos que visem o empoderamento da mulher na área, como é o caso da WIBA, citada no artigo de ID 22.

Apesar de mais da metade dos artigos ter indicado formas como os analistas do comportamento poderiam se posicionar a fim de promover equidade entre os gêneros, os procedimentos na maioria das vezes não são claros. Muita produção científica, portanto, ainda se faz necessária, cumprindo os cinco critérios propostos por Baer, Wolf e Risley (1968) para a pesquisa aplicada, devendo ela medir o comportamento de forma fidedigna (comportamental); controlar as variáveis independentes de forma fidedigna para saber qual delas tem responsabilidade na mudança comportamental (analítica); ser descrita com clareza a fim de possibilitar replicação por outro experimentador (tecnológica); pautar-se em um referencial teórico (conceitual); e, por fim, garantir que o comportamento será transposto a outros ambientes e ao longo do tempo (generalização). No caso de pesquisas aplicadas à redução de viés de gênero, essa dimensão de acompanhar os participantes para observar se, após algum tempo, a redução se manteve, seria socialmente relevante.

Resultados das Investigações Experimentais

Pode-se concluir que a maior porção das pesquisas de tipo experimental teve participantes homens e mulheres adultos. Entre as 11 pesquisas do tipo experimental mais da metade (6) tiveram participantes tanto do sexo feminino quanto masculino (Tabela 12).

Cinco das 11 pesquisas do tipo experimental foram realizadas com participantes homens ou meninos (aproximadamente 45%). As pesquisas que tiveram como participantes crianças somam duas, e as demais pesquisas contaram com participantes com idades de 17 até 42 anos.

Tabela 12

Número, Sexo e Faixa Etária dos Participantes em Cada Uma das 11 Investigações Experimentais

Número de participantes	Sexo	Faixa Etária
110	Masculino e Feminino	Adulto
60	Masculino	Adulto
50	Masculino e Feminino	Adulto
47	Masculino e Feminino	Adulto
45	Masculino	Adulto
43	Masculino	Adulto
43	Masculino	Adulto
30	Masculino e Feminino	Adulto
19	Masculino e Feminino	Adulto
10	Masculino e Feminino	Criança
1	Masculino	Criança

A quantidade menor de pesquisas com crianças pode ser devido à maior dificuldade de autorização de consentimento dos pais, devido a normas culturais impostas acerca do gênero. Ao se pensar em história de reforçamento, as respostas

observadas por crianças em pesquisas, se comparadas a adultos, possivelmente diferem em termos de propostas de intervenção, bem como os resultados esperados.

O fato de nenhuma das pesquisas ter recrutado apenas participantes mulheres, mas cinco delas terem optado exclusivamente por participante homens pode indicar que, apesar de questões relacionadas a gênero influenciarem homens e mulheres ao longo de suas vidas, e “mulheres poderem ser tão sexistas quanto homens” (Hooks, 2015), ainda são as mulheres que mais sofrem com estereótipos de gênero e com a dominação masculina. Daí a provável investigação do julgamento de homens às mulheres (ID 2); redução de comportamentos sexistas às mulheres, com participantes homens (ID 6); e investigação de influências na desumanização das mulheres por homens (ID 7).

Medida do comportamento. A Figura 3, na página seguinte, demonstra a porcentagem de pesquisas em relação à medida do comportamento. Em 82% delas, a medida do comportamento foi realizada de forma indireta. O instrumento de medida indireta mais utilizado foi o IRAP, aplicado em cinco das 11 pesquisas. Em seguida, vem o *Bem Sex-Role Inventory* (BSRI), em duas pesquisas. Nota-se que os estudos que utilizaram o IRAP visavam a validar sua adequabilidade a questões ligadas a viés de gênero, o que pode explicar o maior uso de instrumentos de medida indireta, por não ter sido proposta uma intervenção (e.g., redução de viés de gênero).

Dos únicos dois estudos que aplicaram medida direta, um se direcionou a estudar estereótipos de gênero via equivalência de estímulos e o outro, em vez de discutir questões de gênero e padrões, teve como objetivo modificar “papéis de gênero desviantes” (Rekers & Lovaas, 1974), que pode ser compreendido como papéis de gênero, segundo as definições adotadas pela presente pesquisa.

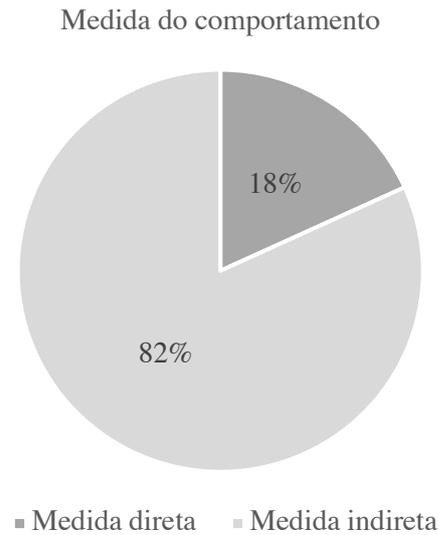


Figura 3. Distribuição percentual das pesquisas em relação à medida de comportamento

Delineamento. É possível observar que, na grande maior parte dos estudos analisados, o tipo de delineamento aplicado foi o de grupo, já que nove dos 11 estudos receberam este tipo de delineamento (82%). O delineamento de sujeito único ocorreu em dois dos 11 estudos (18%), como demonstra a Figura 4.

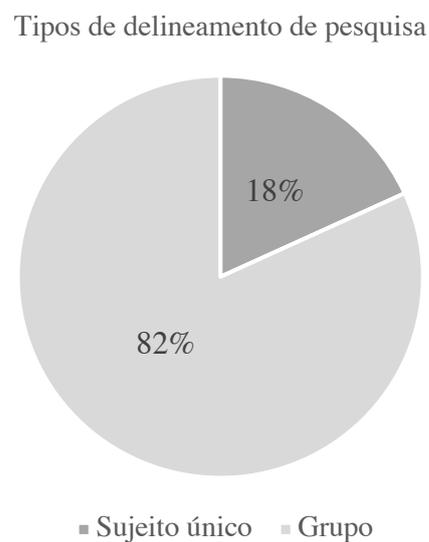


Figura 4. Distribuição percentual das pesquisas segundo o tipo de delineamento de pesquisa.

Variáveis dependentes. Observa-se que mais da metade das variáveis dependentes referem-se ao responder relacional, que é utilizado a partir da latência entre respostas em instrumentos que medem atitude implícita. No caso desses seis artigos (Tabela 13), os mesmos manipularam variáveis independentes, que lhes deram resultados (variáveis dependentes) e concluíram a partir deles: sensibilidade do instrumento IRAP para medir relações de estereótipo de gênero em crianças; aspectos que influenciam o viés de gênero a mulheres; sensibilidade do FAST para medir estereótipos de gênero; e influência de variáveis sociais situacionais nas respostas relacionais de viés de gênero.

Tabela 13

Variáveis Dependentes nas Investigações Experimentais

Variáveis Dependentes	n
Latência do responder relacional	6
Comportamentos “masculinos”	1
Atribuições dadas a mulheres	1
Estereótipos de papéis de gênero	1
Agressividade	1
Sexismo	1

Objetivos dos estudos e resultados. A Tabela 14, na página seguinte, contém trechos que correspondem aos objetivos e resultados retirados dos 11 artigos do tipo experimental.

Tabela 14

Objetivos e Resultados das 11 Investigações Experimentais

ID	Objetivos	Resultados
1	Este artigo relata a primeira de várias crianças que tratamos com o objetivo de normalizar seus comportamentos sexuais	Durante esse tratamento, seus comportamentos femininos diminuíram acentuadamente e o comportamento masculino aumentou
5	A presente investigação foi elaborada para avaliar o grau em que características de papéis sexuais dos observadores influenciam a atração interpessoal e os processos de atribuição em relação a outros de várias orientações sobre papéis sexuais	A orientação de papéis sexuais dos observadores é moderadamente importante para as atribuições de autoconfiança, mas não tem efeito sobre a atração interpessoal real ou atribuída; a orientação de papéis sexuais das pessoas-alvo afeta a percepção e atração interpessoais em homens jovens proporcionalmente ao grau em que as pessoas-alvo são vistas como possuindo atributos masculinos
7	Neste artigo, estendemos a abordagem geral descrita por Walt et. al. para verificar se os procedimentos que eles desenvolveram poderiam ser adotados para explorar a equivalência que responde no contexto da tipagem de papéis de gênero	Os resultados indicam que a resposta à equivalência foi interrompida pela presença dos novos estímulos para os membros de ambos os grupos, mas em maior extensão para os homens do que para as mulheres
9	O presente estudo teve como objetivo investigar se o IRAP é uma medida adequada para avaliar as atitudes implícitas baseadas em gênero das crianças em relação aos brinquedos (bonecas e carros de brinquedo)	O efeito mais forte do IRAP encontrado foi nas relações entre bonecas e meninas (ou seja, os participantes responderam mais rápido ao relacionar bonecas-brinquedo meninas- do que bonecas-brinquedo meninos). Além disso, as latências de resposta das crianças foram mais longas para pares de bonecas e meninos do que para pares de carros de brinquedo e meninas
10	O presente estudo examinou o impacto das percepções do papel de gênero nas classificações de agressividade	Os participantes tiveram uma probabilidade significativamente maior de classificar os oponentes masculinos como agressivos, em comparação com os femininos, independentemente do gênero do oponente. Esses resultados implicam que a percepção subjetiva de agressão de outras pessoas parece ser mais fortemente influenciada pelo papel de gênero do que pelo agressor

(continua)

(continuação)

ID	Objetivos	Resultados
11	O presente estudo envolveu uma investigação preliminar do poder de uma intervenção comportamental para reduzir atitudes sexistas em estudantes de graduação de uma universidade do sudeste dos Estados Unidos	Os participantes do grupo de intervenção comportamental mostraram uma diminuição significativa nas atitudes sexistas em comparação com os participantes do grupo controle, demonstrando que uma intervenção comportamental reduz mensurável o sexismo em homens universitários
12	O presente estudo examinou até que ponto os vieses de resposta em relação às "mulheres" são influenciados por duas categorias de contraste diferentes: "homens" versus "objetos inanimados"	Os resultados indicaram que houve maior desumanização da mulher no contexto desta última ("objetos inanimados") em relação à primeira categoria
13	Este experimento avaliou a sensibilidade do FAST a estereótipos generalizados de gênero de homens como estereotipadamente "masculinos" (por exemplo, dominante ou competitivo) e mulheres como estereotipadamente "femininas" (por exemplo, acolhedora ou delicada)	Esse procedimento mostrou-se sensível a estereótipos difundidos e comuns de gênero de mulheres como estereotipadamente "femininas" (por exemplo, acolhedora ou delicada) e homens como estereotipadamente "masculinos" (por exemplo, dominante ou competitivo)
14	O presente artigo propõe uma estrutura técnica para a análise do binário de gênero e avalia a adequação do Procedimento implícito de avaliação relacional (IRAP) como uma medida das crenças binárias de gênero	Os resultados, portanto, sustentam os argumentos de que, primeiro, os traços de gênero parecem enquadrados de maneira oposta na linguagem e, segundo, esse binário pode sustentar as hierarquias de gênero existentes em determinados contextos
15	O presente estudo explorou estereótipos implícitos de gênero entre mulheres e homens com o Procedimento implícito de avaliação relacional, que pode fornecer avaliações mais específicas de atitudes tendenciosas do que muitas medidas implícitas comparáveis	Os resultados confirmaram algumas descobertas anteriores, revelando atitudes consistentes com estereótipos e diferenças de gênero na magnitude dessas atitudes
18	Como as variáveis e situação social do próprio teste IRAP influenciam no desempenho do mesmo	Os resultados mostraram que os estereótipos de gênero estavam presentes nas respostas de homens e mulheres ao IRAP. Os participantes do sexo masculino e feminino apresentaram maior viés de gênero ao responder em grupos de gênero único do que em grupos de gênero misto em todos os tipos de estudo do IRAP

É possível concluir que apenas dois dos 11 artigos tiveram como objetivo intervir em uma questão de gênero (IDs 1 e 11). No caso do ID 1, a intervenção realizada diz respeito a algo que aparentemente não se faz mais nos dias atuais, segundo os demais 25 artigos neste estudo selecionado. O motivo pelo qual estudos que envolvem tratamento de “desvio de gênero” deixaram de ser realizados pode ter a ver com a retirada em 1973

(ano próximo ao de publicação do artigo) da homossexualidade do rol de transtornos mentais da Associação Americana de Psiquiatria (APA, 2009), o que refletiu na mesma exclusão em manuais psiquiátricos importantes como o *Manual Diagnóstico e Estatístico das Doenças Mentais* (DSM) e a *Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde* (CID). Apesar de orientação sexual e identidade de gênero serem termos que se referem a aspectos distintos, a influência da retirada do termo homossexualidade pela APA e ausência de publicações sobre mudança de comportamentos ligados ao gênero pode dever-se à “confusão entre os conceitos de orientação sexual e identidade ou expressão de gênero” (Mizael, 2018, p. 24).

Os resultados dos estudos apontam para uma cultura na qual estereótipos de gênero estão presentes desde a infância (e.g., brinquedos atrelados a um gênero) até a vida adulta (e.g., comportamentos esperados para cada gênero). Além disso, a depender do gênero, as atribuições do observador a outra pessoa podem variar. Por fim, a intervenção para a redução de sexismo se mostrou efetiva, o que demonstra que os analistas do comportamento, em vez de serem apenas parte do problema, como ocorreu na década de 70 (ID 1), podem ser parte da solução (ID 11).

Considerações Finais

Além de explicitar o que a análise do comportamento tem estudado em relação a assuntos relacionados a gênero, a dissertação atual apresentou o que analistas do comportamento podem fazer em relação a questões de discriminação e falta de equidade entre os gêneros. Estes, que se dedicam a estudar o comportamento humano e sua transformação, outrora foram criticados por seus próprios colegas da área por fazerem parte apenas do problema ao se proporem a modificar “comportamentos desviantes de gênero” de uma criança (Rekers & Lovaas, 1974).

Estudos que meçam viés de gênero são essenciais (Catwright et. al., 2017; Errasti et al., 2019; Hussey et al., 2016; Rabelo, Bortoloti, & Souza, 2014) e poderiam ser combinados a estudos que relacionem o viés à probabilidade de um indivíduo se comportar de forma discriminatória em relação ao gênero do outro.

A mudança do comportamento não pode se restringir apenas à esfera individual, mas sim a contingências sociais problemáticas, no nível cultural. Em vez de discursos que reforcem a culpabilização das vítimas, a sociedade deveria mediar reforçadores positivos àqueles que apresentam comportamentos correspondentes à equidade entre os gêneros (Baires, 2019; Holland, 1978). Atuar tão somente na modificação de um comportamento individual é negligenciar a intervenção em contingências socioculturais mantenedoras de situações aversivas aos desfavorecidos, que têm menos poder, como é o caso de pessoas com identidade de gênero feminino. Nesse sentido, pode-se ensinar repertório de comportamentos que visem à independência feminina, determinação e assertividade (estereótipos referidos comumente ao gênero masculino, apenas), mas se ao se expor a ambientes diferentes dos quais tais repertórios comportamentais foram estabelecidos, e indivíduos do gênero feminino forem colocados em extinção ou até punidos, os comportamentos não se sustentarão, e o patriarcado se manterá (Glick &

Fiske, 1996). A curva ascendente de publicações acerca do tema na última década, bem como conquistas como a mudança de classificação de transgêneros em manuais internacionais (CID e DSM) podem indicar que analistas do comportamento estão no caminho de serem, cada vez mais, parte da solução, e não do problema.

Referências

- American Psychological Association. (2009). *Report of the task force on appropriate therapeutic responses to sexual orientation*. Washington, DC: Author.
- American Psychological Association. (2011). *Answers to your questions about transgender people, gender identity, and gender expression*. Washington, DC: Author. Recuperado de <https://www.apa.org/topics/lgbt/transgender.pdf>.
- Andery, M. (2010). Métodos de pesquisa em análise do comportamento. *Psicologia USP*, 21(2), 313–342. doi:10.1590/S0103-65642010000200006
- Ardila, R. (2006). Behavior analysis in an international context. In A. C. Brock (Ed.), *Internationalizing the history of psychology* (pp. 112-132). New York: New York University Press.
- Baer, D. M., Wolf, M. M., & Risley, T. R. (1968). Some current dimensions of applied behavior analysis. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 1(1), 91–97. doi:10.1901/jaba.1968.1-91
- Baires, N. A., & Koch, D. S. (2019). The future is female (and behavior analysis): A behavioral account of sexism and how behavior analysis is simultaneously part of the problem and solution. *Behavior Analysis in Practice*, 12. Recuperado de <https://link.springer.com/article/10.1007/s40617-019-00394-x>. doi:10.1007/s40617-019-00394-x
- Barnes-Holmes, D., Barnes-Holmes, Y., Power, P., Hayden, E., Milne, R., & Stewart, I. (2006). Do you really know what you believe? Developing the implicit relational assessment procedure (IRAP) as a direct measure of implicit beliefs. *The Irish Psychologist*, (32)7, 169–177.
- Blakemore, J. E. O., & Centers, R. E. (2005). Characteristics of boys' and girls' toys. *Sex Roles*, 53, 619–633.

- Blau, F. D., & Lawrence, M. K. (2000). Gender differences in pay. *Journal of Economic Perspectives*, *14*, 75–99.
- Butler, J. (1988). Performative acts and gender constitution: An essay in phenomenology and feminist Theory. *Theatre Journal*, *40*(4), 519–531.
- Cartwright, A., Hussey, I. W., Roche, B., Dunne, J. A., & Muphy, C. (2017). An investigation into the relationship between the gender binary and occupational discrimination using the Implicit Relational Assessment Procedure. *The Psychological Record*, *67*, 121–130.
- Cochran, S. D., Drescher, J., Kismödi, E., Giami, A., García-Moreno, C., Atalla, E. . . .
 Reed, G. R. (2014). Proposed declassification of disease categories related to sexual orientation in the International Statistical Classification of Diseases and Related Health Problems (ICD-11). *Bulletin of the World Health Organization*, *92*, 672–679. doi:10.2471/BLT.14.135541
- Couto, A., & Dittrich, A. (2017). Feminismo e análise do comportamento: Caminhos para o diálogo. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, *8*(2), 147–158. doi:10.18761/PAC.2016.047
- Credentials. (2019). In *Behavior Analysis Certification Board*. Recuperado de <https://www.bacb.com/>
- Daly, P. M. (1996). Sexism. In M. A. Mattaini & B. A. Thyer (Eds.), *Finding solutions to social problems: Behavioral strategies for change* (pp. 201-220). Washington, DC: American Psychological Association.
- Eagly, A. H. (1987). *Sex differences in social behavior: A social role interpretation*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.

- Eagly, A. H., & Wood, W. (1999). The origins of sex differences in human behavior: Evolved dispositions versus social roles. *American Psychologist*, *54*(6), 408–423. doi:10.1037/0003-066X.54.6.408
- Ellemers, N. (2014). Women at work: How organizational features impact career development. *Policy Insights from the Behavioral and Brain Sciences*, *1*(1), 46–54. <https://doi.org/10.1177/2372732214549327>
- Errasti, J., Martinez, H., Rodriguez, C., Marquez, J., Maldonado, A., & Menendez, A. (2019). Social context in a collective IRAP application about gender stereotypes: Mixed versus single gender groups. *The Psychological Record*, *69*, 39–48.
- Gender incongruence. (2019). In *ICD-11 for Mortality and Morbidity Statistics* (version 04/2019). Recuperado de <https://icd.who.int/browse11/11-m/en#/http%3a%2f%2fid.who.int%2fcd%2fentity%2f411470068>
- Glenn, S. S. (2004). Individual behavior, culture, and social change. *The Behavior Analyst*, *27*, 1332151.
- Glick, P., & Fiske, S. T. (1996). The ambivalent sexism inventory: Differentiating hostile and benevolent sexism. *Journal of Personality and Social Psychology*, *70*, 491–512.
- Holland, J. G. (1978). Behaviorism: Part of the problem or part of the solution? *Journal of Applied Behavior Analysis*, *11*(1), 163–174. doi:10.1901/jaba.1978.11-163.
- Holland, J. G. (2016). Os princípios comportamentais servem para os revolucionários? (C. E. Lopes, C. Laurenti, & N. D. Acevedo, Trads.). *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, *18*, 104-117. (Trabalho original publicado em 1974)

- Hooks, B. (2015). *O feminismo é para todo mundo: Políticas arrebatadoras* (A. L. Libânio, Trad.). Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Hussey, I. W., Mhaoileoin, D. N., Barnes-Holmes, D., Ohtsuki, T., Kishita, N., Hughes, S.J., & Murphy, C. (2016). The IRAP is nonrelative but not acontextual: Changes to the contrast category influence men's dehumanization of women. *The Psychological Record*, *66*, 291–299.
- Irvine, J. J. (1986). Teacher–student interactions: Effects of student race, sex, and grade level. *Journal of Educational Psychology*, *78*(1), 14–21. doi:10.1037/0022-0663.78.1.14
- Leland, W., & Stockwell, A. A self-assessment tool for cultivating affirming practices with transgender and gender-nonconforming (TGNC) clients, supervisees, students, and colleagues. *Behavior Analysis in Practice*, *12*(4), 816–825. doi:10.1007/s40617-019-00375-0
- McSweeney, F. K., Donahoe, P., & Swindell, S. (2000). Women in applied behavior analysis. *The Behavior Analyst*, *23*, 267–277.
- Mizael, T. (2018). Perspectivas analítico-comportamentais sobre a homossexualidade: Análise da produção científica. *Perspectivas em análise do Comportamento*, *9*(1), 15–28. doi:0.18761/PAC.2017.011
- Ruiz, M. R. (2003). Inconspicuous sources of behavioral control: The case of gendered practices. *The Behavior Analyst Today*, *4*(1), 12–16.

- Perez, W. F., Nico, Y. C., Kovac, R., Fidalgo, A. P., & Leonardi, J. L. (2013). Introdução à teoria das molduras relacionais (relational frame theory): Principais conceitos, achados experimentais e possibilidades de aplicação. *Perspectivas em análise do comportamento*, 4(1), 33–51. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-35482013000100005&lng=pt&tlng=pt.
- Power, P., Barnes-Holmes, D., & Barnes-Holmes, Y. (2009). The Implicit Relational Assessment Procedure (IRAP) as a measure of implicit relative preferences: A first study. *The Psychological Record*, 59, 621–640.
- Rekers, G. A., & Lovaas, O. I. (1974). Behavioral treatment of deviant sex-role behaviors in a male child. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 7(2), 173–190. doi:10.1901/jaba.1974.7-173
- Riger, S. (1991). Gender dilemmas in sexual harassment policies and procedures. *American Psychologist*, 46(5), 497–505. doi:10.1037/0003-066X.46.5.497
- Sadker, D. (1999). Gender equity: Still knocking at the classroom door. *Educational Leadership*, 56(7), 22–27.
- Sidman, M. (2009). *Coerção e suas implicações* (M. A. Andery & T. M. Sérgio, Trans.) Campinas: Editora Livro Pleno. (Trabalho original publicado em 1989)
- Sidman, M., & Tailby, W. (1982). Conditional discrimination vs. matching to sample: An expansion of the testing paradigm. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 37, 5–22.
- Skinner, B. F. (1957). *Verbal behavior*. New York: Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (1981). Selection by consequences. *Science*, 213, 501–504.

- Skinner, B. F. (2003). *Ciência e comportamento humano* (J. C. Todorov & R. Azzi, Trads.; 11. ed.) São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1953)
- Skinner, B. F. (2007). Seleção por consequências. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 9(1), 129-137. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452007000100010&lng=pt&tlng=pt
- United Nations. (2015). *Human development report 2015: Work for human development*. Recuperado de http://hdr.undp.org/sites/default/files/2015_human_development_report_1.pdf
- United Nations Development Programme. (2010). *Human Development Report: The real wealth of nations: Pathways to human development*. New York: Author. Recuperado de http://hdr.undp.org/sites/default/files/reports/270/hdr_2010_en_complete_reprint.pdf
- United Nations Development Programme. (2019). *Human Development Reports*. Recuperado de <http://hdr.undp.org/en/data#>
- Wood, W., & Eagly, A. H. (2012). Biosocial construction of sex differences and similarities in behavior. *Advances in Experimental Social Psychology*, 46, 55–123. doi:10.1016/B978-0-12-394281-4.00002-7
- World Health Organization. (2018). *ICD-11: Classifying disease to map the way we live and die*. Recuperado de <https://www.who.int/news-room/spotlight/international-classification-of-diseases>